

# INFORME LARI

CONJUNTURA INTERNACIONAL  
SOBRE

**Eleições Americanas**



12ª Edição – Outubro de 2020



## O Laboratório de Análise das Relações Internacionais

---

O LARI, como chamamos o Laboratório de Análise das Relações Internacionais, é um evento que acontece semestralmente e tem como objetivo observar em grupo a conjuntura internacional e discutir sobre possíveis cenários futuros, como uma forma de desenvolver a capacidade de interpretar os fatos e elaborar uma sequência lógica de possibilidades sobre eles.

Os membros do PET-REL discutem previamente temas relevantes no cenário internacional e escolhem qual será o mais interessante e produtivo. Após a pesquisa extensa sobre o assunto, divulgamos um breve resumo dos fatos e interpretações para os

interessados, o que objetiva contribuir para sua participação nos debates.

Após o LARI, todos são convidados a elaborarem sua análise de conjuntura, um documento em que cada interessado desenvolve uma breve introdução do assunto e desenvolve suas visões sobre os vários cenários que entende possíveis. Nessa fase, os membros do PET se dispõem a colaborar com qualquer assunto ou dúvida, incentivando os participantes do LARI que se interessem a elaborarem sua própria análise, que pode ser publicada no nosso boletim.

### Os Estados Unidos na conjuntura atual

---

No dia 3 de novembro, serão realizadas as eleições presidenciais de 2020 nos EUA. Donald Trump, membro do Partido Republicano e atual presidente, disputará a reeleição contra Joe Biden, membro dos Democratas e vice-presidente do país durante a gestão Obama. O pleito, para vários autores, é um dos mais importantes da história dos EUA, tendo em vista a polarização que toma conta da sociedade estadunidense. Está em jogo a própria ideia de sociedade que os EUA representam e sua capacidade de manter a liderança no mundo (COHEN, 2020). As diferentes interpretações sobre o processo de ascensão da China e as possibilidades de que se torne adversário político, militar e econômico dos EUA, bem como a gestão da

pandemia de COVID-19 e a capacidade do país de promover a retomada da economia, entre outros, estão entre os temas de embate entre as duas partes.

Enquanto Trump mantém seu discurso populista neo-mercantilista (MENDONÇA *et al.*, 2019), Joe Biden busca resgatar algumas pautas da era Obama, como o comprometimento dos EUA com pautas ambientais, com as Organizações Internacionais e com a manutenção do papel de país de mantenedor da ordem internacional. O candidato democrata é visto como um membro da ala mainstream do Partido, assemelhando-se, dessa forma, com Hillary Clinton, a adversária de Trump nas eleições de 2016. No entanto, Biden vem colaborando



com Bernie Sanders, candidato com visões mais firmes sobre políticas de redistribuição de renda, tributação e saúde pública. Segundo o próprio Sanders, se eleito, seria o presidente mais progressista desde Franklin Delano Roosevelt.

Além da latente polarização, as eleições deste ano possuem outros elementos de dúvida. O país possui cerca de 9 milhões de casos da Covid-19 e algo em torno de 230 mil mortos. Portanto, muitos estados mudaram as regras da votação, permitindo que milhões votem pelo correio pela primeira vez. Por outro lado, dada a não-obrigatoriedade dos votos, o número de eleitores votantes é um fator que gera incertezas. Essas incertezas vêm sendo reduzidas porque até o dia 28 de outubro, a 6 dias das eleições, mais de 73,3 milhões de pessoas já haviam votado, o que representa 53% do total de votos de 2016. Isso indica que provavelmente mais estadunidenses votarão neste ano. Trump, percebendo que o aumento do comparecimento tende a privilegiar seu opositor, vem questionando repetidamente a legitimidade e confiabilidade de tal modelo de votação (WASHINGTON POST, 2020), o que adiciona mais tensão às eleições. É em meio a este cenário de polarização e dúvidas que se dará o LARI do dia 6 de novembro.

Como os eventos que levaram o PET-REL a selecionar essa temática para o LARI ainda são muito recentes e as causas que poderão explicar a vitória de um ou outro candidato não estão plenamente maduras, tanto o debate quanto o futuro boletim de conjuntura não se concentrarão no exame das causas que levaram ao resultado do pleito. Ao contrário, estarão centrados no exame de suas possíveis consequências para os EUA e suas

relações com o sistema internacional. Para tanto, o debate estará organizado em torno de três eixos principais: a) os efeitos da eleição estadunidense para sua imagem de líder mundial; b) as relações bilaterais dos EUA com outros países, em especial a China, potências europeias e o Brasil; c) os efeitos da eleição sobre a elaboração de discursos de ódio e a emergência de grupose extremistas, levando-se em consideração que apoiadores de Donald Trump pautam suas agendas por discursos relacionados com a supremacia branca e de conotações misógenas, entre outras discriminações.

### **EUA como liderança mundial e construtor de exemplos**

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA assumiram um papel hegemônico, aproveitando-se da fragilização da Europa. Para facilitar a internacionalização de suas preferências, os estadunidenses criaram instituições que reproduzem a distribuição de poder do sistema internacional (GILPIN, 1987). Nesse sentido, visando rearticular o capitalismo global, foram estabelecidos os Acordos de Bretton Woods, que definiam as relações financeiras e monetárias entre os países mais industrializados. No mesmo momento, surgiu a Organização das Nações Unidas (ONU), com os EUA tendo papel fundamental em sua negociação.

No pós -guerra, os EUA mantiveram sua hegemonia e suas ações em diversos âmbitos passaram a ter importância global. O dólar tornou-se a divisa usada no comércio internacional. Analisando tal período, muitos autores passaram a utilizar a Teoria da

Estabilidade Hegemônica para explicar a ausência de conflitos generalizados (GILPIN, 1987; KEOHANE, 1984; MILNER, 1998), observando aquele país como equilibrador do sistema.

No entanto, desde a década de 80 se discute o futuro da hegemonia estadunidense. Com a ascensão do Japão e o ressurgimento da Europa, Robert Keohane escreveu a obra *After Hegemony*. Nela, discute um cenário internacional multipolar e quais seriam as condições para que a estabilidade fosse mantida. Desde então, apesar da emergência de novas forças, os EUA têm sido capazes de se reinventar. A economia do país ganhou força entre os anos 80 e 90 (BRENNER, 2003), e com o fim da União Soviética o país começou a última década do século ainda como a principal potência mundial.

No cenário das eleições de 2020, os EUA veem sua posição mais uma vez ameaçada. Em meio a esta conjuntura, Trump buscou por o sistema de volta nos trilhos (MENDONÇA *et al.*, 2019) por meio da elevação das pressões sobre seus adversários e da construção de um discurso nacionalista. Ao tempo em que obteve algum apoio interno, essa postura elevou a percepção internacional de que os EUA não tinham mais a pretensão de liderarem a construção de um sistema que atendessem aos anseios globais.

Desde sua campanha eleitoral, Donald Trump expressou duras críticas ao sistema multilateral e seus organismos, atacando abertamente organizações como a Organização das Nações Unidas (REUTERS, 2017). Em outubro de 2017, os Estados Unidos notificaram formalmente a UNESCO sobre a retirada de sua adesão ao órgão, citando a “contínua tendência anti-Israel”

(HARRIS; ERLANGER, 2017). Dois meses depois, abandonaram a estratégia global da ONU para a migração (WINTOUR, 2017). Já em abril de 2018, Trump decidiu cortar as doações ao Fundo de População das Nações Unidas (UNPFA) (SOFFEN; LU, 2017).

A Organização Mundial do Comércio também tem sido alvo das ofensivas de Trump. Impulsionado por suas promessas de *America's First* e de proteger os trabalhadores americanos contra o que considera práticas comerciais injustas da China e de outros países, Trump aderiu ao unilateralismo e passou a desconsiderar as decisões dos Órgãos de Solução de Controvérsias da OMC (JAN; PHANSALKAR, 2019).

Acusou, ainda, a Organização Mundial de Saúde de não responsabilizar Pequim pela pandemia da COVID-19, taxando o órgão como sendo “fantoche da China” (BBC, 2020). Conseqüentemente, os Estados Unidos formalizaram sua intenção de se retirar da OMS em 6 de julho de 2021 (ORTAGUS, 2020).

Por fim, quanto aos acordos internacionais para a mitigação das mudanças climáticas, em 4 de novembro de 2019, a Casa Branca iniciou formalmente o processo de retirada dos EUA do Acordo Climático de Paris. Este entra em vigor um dia após a eleição presidencial de 2020.

A postura de distanciamento dos EUA no cenário internacional parece ter aberto espaço para a atuação da China, que tem elevado quantitativa e qualitativamente sua participação em organismos multilaterais nos quais os EUA naturalmente eram uma força dominante.

Nesse cenário, as eleições serão determinantes para a posição dos EUA no sistema internacional como um todo.

### **As relações bilaterais dos EUA**

Em um cenário em que os Estados Unidos adotam posturas cada vez mais nacionalistas e isolacionistas, diversos países têm buscado construir contrapontos aos seus posicionamentos. A União Europeia, a China, o México e o Canadá têm resistido às políticas comerciais de Trump por meio de retaliações e oposição política (MENDONÇA *et al*, 2019).

O acirramento das relações com a China, em especial, tem se degradado rapidamente. Trump acusou o país oriental pela pandemia da COVID-19, afirmando que a China tentou encobrir o surto. A competição bilateral foi além da arena econômica para incluir questões geopolíticas e estratégicas. A tentativa da China de se apresentar como defensora da Carta da ONU e do multilateralismo põe em xeque a capacidade de governança estadunidense, que perdeu a capacidade de intervir unilateralmente em parte importante do mundo (MULLEN, 2018).

A relação bilateral se deteriorou ainda mais com o avanço da Covid-19 nos EUA, com a escalada da troca de farpas de ambos os lados, o que resultou em efeitos colaterais para outros países que estão no meio do cabo de guerra, como o Brasil. A exemplo disso, em julho deste ano, os embaixadores no Brasil da China, Yang Wanming, e dos Estados Unidos, Todd Chapman, se confrontaram no Twitter (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

A presença chinesa na América Latina é uma preocupação para os Estados Unidos. Atualmente, o Brasil está para decidir se vai

permitir ou não a Huawei, empresa chinesa de telecomunicações, em sua infraestrutura 5G (GOULART, 2020). Desde o início de seu mandato, o Presidente Jair Bolsonaro se demonstrou favorável ao alinhamento brasileiro com os Estados Unidos (MILZ, 2020), mas a decisão oficial ainda não foi tomada.

A postura subserviente aos EUA tem sido severamente criticada por muitos analistas brasileiros (VASCONCELLOS, 2020; BBC, 2019), principalmente porque as promessas de reciprocidade, observadas a partir do apoio estadunidense à entrada do Brasil na OCDE e da assinatura de acordo de cooperação militar, não se concretizaram.

Mesmo com as campanhas eleitorais de Trump e Biden ainda em andamento, Bolsonaro declarou seu apoio à reeleição do candidato republicano, o que gerou críticas por parte de representantes democratas (PARAGUASSU, 2020). Ademais, a relação entre o Presidente brasileiro e o candidato democrata Joe Biden foi tensionada após debate presidencial em que Biden criticou a destruição das florestas tropicais brasileiras e, então, ofereceu US\$ 20 bilhões para proteger a Amazônia, indicando possíveis sanções econômicas no caso de descumprimento (CHARNER; KOTTASOVÁ, 2020). O posicionamento negacionista de Trump acerca das mudanças climáticas também vem sendo elogiado por Bolsonaro, que se recusou a sediar as negociações climáticas da Conferência das Partes (COP-25) em 2019 (WATTS, 2018). Assim, em resposta aos comentários de Biden, Bolsonaro criticou duramente o candidato democrata em suas mídias sociais (CARVALHO, 2020).



Percebe-se, a partir de todos os exemplos acima, que a temática ganha grande relevância para o pós-eleição, pois o resultado dirá se teremos uma aceleração desses processos ou uma tentativa de reversão de quadro por Biden.

### **As relações de ódio entre pessoas e grupos**

Discursos de ódio são, independentemente de sua fonte, um ataque à democracia na medida em que não coexistem com o princípio democrático básico do respeito à singularidade e aos direitos humanos (CONGRESSO EM FOCO, 2017). Entretanto, quando essa narrativa é sistematicamente utilizada por autoridades políticas em pronunciamentos públicos, o potencial destrutivo se torna ainda maior, considerando o alcance midiático dessas falas e o grau de identificação da população com o líder. O ódio é capaz de fomentar hostilidades e até mesmo reações violentas em seus ouvintes, que, movidos por um sentimento de raiva, descarregam em grupos minoritários suas frustrações com problemas sociais, como desemprego, violência etc.

Donald Trump é um dos políticos que se utiliza publicamente do ódio contra diversas minorias como estratégia de mobilização política, fomentando antagonismos que outrora não existiam ou não eram tão latentes na sociedade. A propagação do ódio por parte de Trump não é novidade: durante as eleições presidenciais de 2016, o candidato republicano reforçou diversas vezes o estereótipo de periculosidade atribuído às populações latinas e à muçulmana. Em um de seus primeiros atos como presidente, Trump declarou o “Muslin Ban”, que bania a entrada nos EUA de pessoas

vindas de países majoritariamente muçulmanos (AL JAZEERA, 2020). Nesse contexto, é válido ressaltar que o vice-presidente estadunidense, Mike Pence, faz parte da ala mais radical do partido republicano e é favorável às leis de imigração restritivas, sendo também responsável promover atos homofóbicos quando era governador (BRASIL DE FATO, 2020).

No contexto atual de pandemia de COVID-19, Trump disseminou ódio contra chineses ao mencionar, repetidamente, a expressão “vírus chinês”, apesar de esforços da ONU em não estigmatizar a população chinesa (O GLOBO, 2020). Em junho deste ano, Trump envolveu-se em mais polêmicas ao comparar a dimensão dos protestos Black Lives Matter com ataques de grupos de extrema direita e antidemocráticos, afirmando existir pessoas boas em ambos os lados do conflito (TREVISAN, 2020). Durante o debate presidencial, Trump não condenou a violência por parte desses grupos, mesmo quando explicitamente questionado sobre o assunto.

É difícil mensurar os efeitos dos posicionamentos de Donald Trump sobre as populações que ele recrimina e sobre a harmonia social dos Estados Unidos como um todo. Embora uma derrota nas urnas possa frear a propagação do ódio e oferecer um respiro para o campo progressista, não é provável que os níveis de violência e hostilidade deixem de crescer depois das eleições (TREVISAN, 2020). Temendo que os discursos de ódio e consequentes conflitos possam aflorar antagonismos na sociedade que, o Walmart, por exemplo, retirou todas as armas de suas prateleiras nesta semana (CUNHA, 2020).



Uma das principais ferramentas para a propagação do ódio na sociedade estadunidense têm sido as mídias sociais, cuja utilização pode fomentar a difusão das chamadas *fake news*. Além disso, já há evidências concretas de que as redes sociais, em específico, utilizam estratégias para manipular opiniões em massa.

O nível ético dessa manipulação poderia ser discutido quando se trata de vender um produto ou lançar uma tendência no mundo da moda. Entretanto, quando o assunto é política, o problema ganha outra proporção. Muitos especialistas apontam as redes sociais como grandes vilãs para a polarização política e ideológica extremada que observamos no mundo. Através dos algoritmos, as redes vão selecionando as informações que aparecem para cada usuário em feeds e buscas, de acordo com seu perfil ideológico. Dessa forma, cada pessoa acaba circundada de páginas e pessoas que concordam plenamente com suas opiniões, deixando de ter a oportunidade de conhecer contrapontos. Essa bola-de-neve acaba influenciando usuários nas mais diversas esferas de debate e vai criando opiniões cada vez mais radicais e incapazes de lidar com pensamentos divergentes dos seus próprios<sup>1</sup>.

E essa manipulação, que já é um problema por si só, se agrava quando as *fake news* entram na equação. Segundo um relatório lançado pelo Facebook, os administradores deletaram 200 contas e 55 páginas na rede social, além de outras 77 da rede Instagram, apenas nas primeiras semanas de outubro, todas localizadas nos Estados Unidos, por compartilharem *fake news*

relacionadas com a eleição de maneira massiva (EM, 2020).

O atual presidente estadunidense foi apontado como o maior disseminador de *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 por um estudo realizado pela Universidade Cornell (Ithaca, NY). O estudo avaliou 38 milhões de reportagens entre janeiro e maio, e o resultado é chocante: em mais de 522 mil artigos foram disseminadas mentiras sobre o coronavírus e, desses, Trump foi mencionado em 38% (DW, 2020). Além disso, o relatório *Reuters Institute Digital News* apontou que, nos EUA, a taxa de auto-exposição a notícias falsas é de 31%, 4º lugar no ranking mundial (depois do Brasil, 3º lugar com 35%) (FORBES, 2018).

Um fato alarmante é que as estratégias de desenvolvimento e compartilhamento das *fake news* vêm evoluindo desde 2016, quando o tema começava a ganhar espaço nos debates sobre mídias sociais e sua influência em regimes democráticos. Desde os primeiros usos de disparo em massa de *fake news* até o atual fenômeno conhecido como *QAnon*, muita coisa mudou. Atualmente, a figura do personagem “Q Anônimo”, disperso em diferentes contas nas redes sociais, conta com uma legião de seguidores que acreditam fielmente em uma grande conspiração.

A pandemia parece ter tido um efeito nefasto para a crise de desinformação. Segundo o jornal *Bangkok Post*, especialistas afirmam que o movimento *QAnon* cresceu nitidamente durante a pandemia, por ter agido como uma força vinculativa - misturou seu princípio central com teorias da conspiração de longa data (sobre vacinas e tecnologia móvel 5G), anti-semitismo, teorias de supremacia branca e políticas de extrema direita. De acordo com Mackenzie Hart, um

---

<sup>1</sup> Documentário “O Dilema das Redes”, fevereiro de 2020, Festival Sundance.

pesquisador inglês sobre a desinformação na *London-based ISD think tank*, as pessoas não apenas estão presas dentro de casa e passando mais tempo online, como também estão com medo. E quando as pessoas estão com medo, teorias da conspiração são respostas fáceis (BANGKOK POST, 2020).

Os seguidores do *QAnonAnonymous* (QAA) acreditam que Trump é um soldado conservador em uma guerra secreta travada entre os poderosos do mundo, e luta contra a seita liberal mundial formada por pedófilos satânicos (que estão, claro, concentrados no Partido Democrata e em outras pessoas com opiniões progressistas). Segundo o professor Russell Muirhead, da Universidade de Dartmouth “O QAnon retrata Joe Biden não como oponente legítimo, mas como parte dessa equipe de globalistas com intenção de destruir os EUA, alguém com quem não se deve discutir e sim eliminar” (EM, 2020).

O professor Joshua Tucker, do Instituto de Ciências Políticas da Universidade de Nova York, aponta que o pior e mais imediato perigo para as eleições de 2020, com relação às *fake news*, são as afirmações mentirosas de Donald Trump sobre as fraudes massivas nos votos pelo correio (EM, 2020). Essas afirmações, além de gerarem insegurança com relação à efetividade das eleições, abrem espaço para que teorias da conspiração contestem qualquer vitória que não seja republicana.

Além disso, a campanha de Trump divulgou vídeos nas redes sociais com imagens adulteradas digitalmente, contendo conteúdo falso sobre o candidato da oposição Joe Biden. Apesar das reações do Twitter e Facebook apagando e alertando os usuários, o estrago acaba sendo feito no momento da

propagação. Por enquanto, a campanha de Biden não foi acusada de fazer o mesmo ou recebeu esse tipo de censura (FOLHA PERNAMBUCO, 2020).

O comportamento de Trump, ao longo de sua gestão, fomentou diversas manifestações de ódios em redes sociais, o que gerou efeitos também no “mundo real”. A violência política nos EUA aumentou e a perseguição a grupos minoritários, inclusive por meio do retorno à atividade de extremistas altamente organizados, tem um potencial de tornar o país um palco de grandes conflitos nos próximos meses, independentemente do resultado do pleito. Se o atual Presidente for reeleito, porém, as práticas adotadas por ele ao longo do mandato estarão legitimadas pelo voto, o que mudará radicalmente a imagem dos EUA no mundo (COHEN, 2020).

### **Considerações finais**

Como se pode perceber pela discussão acima, as eleições de 2020 nos Estados Unidos podem ter repercussões extremamente relevantes para dimensões distintas das relações internacionais, inclusive com possíveis desdobramentos para a própria concepção de democracia no mundo. Nesse sentido, o debate que será realizado pelo PET-REL procurará, mesmo que de modo geral, abordar todas essas repercussões, de modo a fomentar a construção de ideias sobre tais desdobramento. Abaixo, são mencionadas algumas perguntas com o intuito de provocar o debate.

- Como o unilateralismo praticado por Trump afetou o sistema multilateral e

de que modo tais alterações podem ser revertidas a médio e longo prazos?

- Em que medida a China pode ser considerada a nova líder da governança global? E quais seriam as possíveis consequências disso no cenário internacional? Qual a importância da eleição para a reversão dessa tendência?
- De que forma os desconfortos diplomáticos afetam as relações EUA-China? Quais são os efeitos colaterais desses desconfortos para o Brasil?
- Até que ponto o alinhamento automático brasileiro aos EUA afeta as potencialidades das políticas doméstica e externa do país? Como a eleição afeta essa realidade?
- Qual o efeito da eleição de 2020 para a emergência de grupos de extremistas nos EUA? De que modo o processo eleitoral pode afetar as relações de classe, raça e gênero no país? Isso repercutirá no mundo?
- Qual o papel que o próximo presidente estadunidense deve ter na sua relação com as redes sociais? Elas precisam de melhores regulações?

## Referências

AL JAZEERA. **US House approves bill reversing Trump's 'Muslim ban'**. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/7/22/us-house-approves-bill-reversing-trumps-muslim-ban>. Acessado em: 28/10/2020.

BANGKOK POST. **QAnon conspiracies go global in pandemic 'perfect storm'**. 2020. Disponível em: <https://www.bangkokpost.com/world/1997499/qanon-conspiracies-go-global-in-pandemic-perfect-storm>. Acessado em: 27/10/20.

BBC. **Série de concessões feitas pelo Brasil aos EUA em troca de apoio à entrada na OCDE**. 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/10/serie-de-concessoes-feitas-pelo-brasil-aos-eua-em-troca-de-apoio-entrada-na-ocde.html>. Acessado em: 28/10/2020.

BBC. **Coronavirus: Trump accuses WHO of being a 'puppet of China'**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/health-52679329>. Acessado em: 28/10/2020.

BRASIL DE FATO. **Quem é quem nas eleições presidenciais nos Estados Unidos**. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/22/quem-e-quem-nas-eleicoes-presidenciais-nos-estados-unidos>. Acessado em: 28/10/2020

BRENNER, Robert. **A recuperação econômica americana**. In: O Boom e a bolha. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 95-144

CARVALHO, Daniel. **'Disappointing, Mr. Joe Biden', Says Bolsonaro after American Candidate Talks about Amazon**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/internacional/en/world/2020/10/disappointing-mr-joe-biden-says-bolsonaro-after-american-candidate-talks-about-amazon.shtml>. Acessado em: 28/10/2020.

CHARNER, Flora; KOTTASOVÁ, Ivana. **Brazil's Bolsonaro rejects Biden's offer of \$20 billion to protect the Amazon**. CNN, 2020. Disponível em:



<<https://edition.cnn.com/2020/09/30/americas/brazil-bolsonaro-biden-amazon-intl/index.html>>. Acessado em: 28/10/2020.

COHEN, Eliot. A. **The End of American Power: Trump's Reelection Would Usher in Permanent Decline**. Foreign Affairs, 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-10-27/end-american-power>. Acessado em: 30/10/20.

CONGRESSO EM FOCO. **O discurso do ódio em campanhas eleitorais... e Trump venceu!**. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniao/colunas/o-discurso-do-odio-em-campanhas-eleitorais-e-trump-venceu/>. Acessado em: 28/10/2020.

CUNHA, Joana. **Walmart tira armas das prateleiras nos EUA temporariamente**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painels/2020/10/walmart-tira-armas-das-prateleiras-nos-eua-temporariamente.shtml?origin=folha>. Acessado em: 30/10/20.

DEUTSCHE WELLE. **Estudo aponta Trump como maior disseminador de fake news sobre Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/estudo-aponta-trump-como-maior-disseminador-de-fake-news-sobre-covid-19/a-55138056>. Acessado em: 27/10/20.

DILEMA DAS REDES. Jeff Orlowski/Larissa Rhodes. Estados Unidos: 26 de janeiro de 2020, Exposure Labs.

ESTADO DE MINAS. **Nas eleições de 2020, a manipulação nas redes sociais é 'made in USA'**. 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/10/26/interna\\_internacional,1198161/nas-eleicoes-de-2020-a-manipulacao-nas-rede](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/10/26/interna_internacional,1198161/nas-eleicoes-de-2020-a-manipulacao-nas-rede)

s-sociais-e-made-in-usa.shtml. Acessado em: 27/10/20.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Equipe de Trump leva sua campanha nas redes sociais ao limite**. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/equipe-de-trump-leva-sua-campanha-nas-redes-sociais-ao-limite/153822/>. Acessado em: 27/10/20.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Embaixadores de China e EUA no Brasil trocam farpas em rede social**. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/07/embaixadores-de-china-e-eua-no-brasil-trocaram-farpas-em-rede-social.shtml>>. Acessado em: 28/10/2020

FORBES. **12 países com maior exposição a fake news**. 2018. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2018/06/12-paises-com-maior-exposicao-a-fake-news/>. Acessado em: 27/10/20.

GILPIN, Robert. **The Political Economy of International Relations**. Princeton: Princeton University Press, 1987. 86.

GOULART, Josette. **5G: O Brasil no centro da ofensiva americana contra os chineses**. Veja, 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/5g-o-brasil-no-centro-da-ofensiva-americana-contra-os-chineses/>>. Acessado em: 28/10/2020.

HARRIS, Gardiner; ERLANGER, Steven. **U.S. Will Withdraw From Unesco, Citing Its 'Anti-Israel Bias'**. The New York Times, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/10/12/us/politics/trump-unesco-withdrawal.html>>. Acessado em: 28/10/2020.

JAN, Farah N.; PHANSALKAR, Megan. **Trump's War on the World Trade**

**Organization.** The Diplomat, 2019. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2019/12/trumps-war-on-the-world-trade-organization/>>. Acessado em: 28/10/2020.

KEOHANE, Robert. **After Hegemony**, 1984

MENDONÇA, F.; THOMAZ, L.; LIMA, T.; VIGEVANI, T. **America First But Not Alone: uma (nem tão) nova política comercial dos Estados Unidos. Com Donald Trump In: VELASCO, S.; BOJIKIAN, N. (Orgs) Trump: primeiro tempo. São Paulo: Unesp, 2019, pp. 119-151**

MILNER, Helen. **International Political Economy: Beyond Hegemonic Stability, Foreign Policy**, (1998)

MILZ, Thomas. **O arriscado alinhamento automático do Brasil aos EUA.** Deutsche Welle, 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-arriscado-alinhamento-autom%C3%A1tico-do-brasil-aos-eua/a-52275327>>. Acessado em: 28/10/2020.

MULLEN, Jethro. **How did China end up posing as the defender of global trade?.** CNN, 2018. Disponível em: <<https://money.cnn.com/2018/04/10/news/economy/china-us-global-trade-wto/index.html>>. Acessado em: 28/10/2020.

ORTAGUS, Morgan. **Update on U.S. Withdrawal from the World Health Organization.** STATE GOV, 2020. Disponível em: <<https://www.state.gov/update-on-u-s-withdrawal-from-the-world-health-organization/>>. Acessado em: 28/10/2020.

O GLOBO. **Coronavírus reforça preconceito contra minorias religiosas e**

**étnicas no mundo.** 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/coronavirus-reforca-preconceito-contra-minorias-religiosas-etnicas-no-mundo-24383553>. Acessado em: 28/10/2020.

PARAGUASSU, Lisandra. **A duas semanas da eleição nos EUA, Bolsonaro declara novamente apoio à reeleição de Trump.** Reuters, 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/idBRKBN275252-OBRDN>>. Acessado em: 28/10/2020.

REUTERS. **Factbox: What Trump has said about the United Nations.** 2017. Disponível em: <<https://uk.reuters.com/article/instant-article/idUSKCN1BS0UO>>. Acessado em: 28/10/2020.

SOFFEN, Kim; LU, Denise. **Trump budget cuts: U.S. federal funding 2018.** Washington Post, 2017. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/graphics/politics/trump-presidential-budget-2018-proposal/>>. Acessado em: 28/10/2020.

TREVISAN, Maria Carolina. **Trump não condenou supremacistas brancos e mandou recado a extremistas.** UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/maria-carolina-trevisan/2020/10/02/trump-nao-condenou-supremacistas-brancos-e-mandou-recados-a-extremistas.htm>. Acessado em: 28/10/2020.

VASCONCELLOS, Jorge. **Conexão de Bolsonaro não é com EUA, mas com Trump; problema é se ele não se reeleger, dizem analistas.** Correio Braziliense, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4884507-conexao-de-bolsonaro-nao-e-com-eua-mas-com-trump-problema-e-se-ele>



-nao-se-reeleger-dizem-analistas.html.

Acessado em: 30/10/20.

WATTS, Jonathan. **Brazil reneges on hosting UN climate talks under Bolsonaro presidency.** The Guardian, 2018. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2018/nov/28/brazil-reneges-on-hosting-un-climate-talks-under-bolsonaro-presidency>>. Acessado em: 28/10/2020.

WINTOUR, Patrick. **Donald Trump pulls US out of UN global compact on migration.** The Guardian, 2017. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2017/dec/03/donald-trump-pulls-us-out-of-un-global-compact-on-migration>>. Acessado em: 28/10/2020.



O Informe LARI é  
produzido pelo Programa  
de Educação Tutorial de  
Relações Internacionais da  
Universidade de Brasília

**Tutor:**

Juliano da Silva Cortinhas

**Membros:**

Ana Luísa Vitali de Araújo  
Ana Luiza Flores Dias  
Celso Antônio Coelho Júnior  
Daniel Cunha Rego  
Daniel Gualberto da Silva  
Gabriel de Azevedo Soyler  
Henrique Oliveira da Motta  
Jales Caur de Sousa  
João Pires Mattar  
Julia de Souza Sales  
Kamila de Sousa Aben Athar Alencar  
Leticia Barbosa Plaza  
Luiza Batista Ferreira  
Marina Morena Alves  
Nathalia Rezende Mamede  
Vanessa Cunha Rangel Ramos  
William Silva de Oliveira Alves  
Yara Resende Marangoni Martinelli

**Edição:**

Henrique Oliveira da Motta  
Juliano da Silva Cortinhas  
Kamila de Sousa Aben Athar Alencar  
Luiza Batista Ferreira  
Yara Resende Marangoni Martinelli